

COMMUNICATION BREAKDOWN: A COBERTURA DO SHOW DE ROBERT PLANT NO FESTIVAL LOLLAPALOOZA À LUZ DO FAIT DIVERS

NATÁLIA SHEIKHA REDÜ¹; FÁBIO CRUZ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – nataliaredu@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – fabiosouzadacruz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O fait divers consiste na informação sensacionalista, que independe do estilo jornalístico. Portanto, é uma possibilidade bastante explorada pela mídia. Essa categoria tem um propósito único: priorizar a superficialidade com vistas a atingir o emocional das pessoas. No jornalismo opinativo, através da resenha crítica de um espetáculo musical, por exemplo, um dos nossos focos de estudo aqui e que abordaremos no primeiro momento deste trabalho, o fait divers igualmente pode marcar presença.

Sendo assim, o que proporemos neste artigo é uma análise da cobertura do show do cantor inglês Robert Plant e sua banda Sensational Space Shifters no festival Lollapalooza, em São Paulo, no dia 28 março de 2015. De posse de um *corpus* composto por duas matérias publicadas no Portal Terra e no site do G1, pretendemos estudar a estrutura de linguagem dessas produções midiáticas. Para tanto, lançaremos mão do cabedal teórico do semiólogo Roland Barthes (1971), que considera a produção de sentido, em nível verbal, através do tipo de informação. Neste sentido, laboraremos as noções da categoria fait divers, norteados pelo método estruturalista.

2. METODOLOGIA

O “casos do dia”, mais conhecido por fait divers, consiste em uma das principais categorias de Barthes, voltada para os meios de comunicação social. O fait divers é a informação sensacionalista, procedente de uma classificação do inclassificável. É uma “informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo, anônimos” (BARTHES, 1971).

Diariamente, vivenciamos uma magnífica exploração do fait divers na imprensa, quando esse é classificado como informação geral. Para Ramos (1999), as relações que dizem respeito ao fait divers expressam conflito, atingem a emoção do receptor, independentemente de seu estilo jornalístico; são constituídas pelo excepcional, pelo grotesco, que valorizam o espetacular, e podem ser reduzidas em dois tipos básicos: causalidade (causa perturbada e causa esperada) e coincidência (repetição e antítese).

Utilizado constantemente pela mídia, o fait divers reflete

o capitalismo contemporâneo que, através dos seus significados e métodos, fornece elementos que tendem a relegar os indivíduos à passividade e à manipulação ao mesmo tempo que obscurecem a natureza e os efeitos do poder vigente. Fomentando uma memória curta e efêmera, o fait divers reflete e reforça algumas das premissas da era globalizante: as informações devem ser líquidas e, ao mesmo tempo, devem atingir o emocional das pessoas (CRUZ, 2012).

A proposta desta pesquisa é de cunho teórico-prático, uma vez que

procuraremos aliar o cabedal teórico ao processo de análise do *corpus*¹ composto pelas matérias veiculadas no Portal Terra² e no site do G1³, da TV Globo, sobre o show de Robert Plant e sua banda, a *Sensational Space Shifters*, no dia 28 de março de 2015, no festival *Lollapalooza*, em São Paulo, Brasil. Posteriormente, os dados obtidos (evidências) serão devidamente categorizados e analisados (atividade de agenciamento) para que, assim, possam ser encaminhadas as devidas conclusões. Investigaremos, portanto, o tipo de informação, fixada na produção de sentido, em nível verbal.

A obtenção e escolha do material a ser analisado no presente artigo foram feitos da seguinte forma: no dia seguinte ao show buscamos, nos sites de notícia e entretenimento, as matérias que abordavam a apresentação do cantor Robert Plant e banda no festival *Lollapalooza*. Ao todo, identificamos 13. Deste total, selecionamos duas reportagens: uma publicada no Portal Terra e outra no site do G1. A opção por essas, em especial, se deu pelo fato de serem antagônicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na construção das notícias jornalísticas, o primeiro parágrafo, conhecido como *lead*, deve responder algumas perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Esta regra advém da ideia da pirâmide invertida, em que os fatos relatados são descritos em ordem decrescente de importância. O objetivo é prender a atenção do leitor desde o começo.

Na reportagem produzida pelo portal Terra – “Robert Plant arrepia fãs do Zeppelin e mostra vigor no Lolla” –, o parágrafo inicial contém as respostas para essas perguntas. Porém, há lacunas, explicamos.

A jornalista que escreveu o texto pressupõe que o leitor já tenha conhecimento sobre o que seja o *Lollapalooza* bem como da relação existente entre “Robert Plant” e “fãs de Led Zeppelin”. Tais informações são apresentadas ao longo do texto, somente. Além disso, a repórter não elucida a razão do *setlist* enxuto, a qual se explica em virtude da apresentação estar ocorrendo em um festival, no qual vários artistas participam e o espaço destinado a cada um é reduzido.

Aplicando as noções de *fait divers* nesta reportagem, é possível observarmos muitas antíteses no texto. Dentre estas, destaca-se uma antítese equivocada no seguinte trecho: “Plant começou com a sua tímida aparição no palco, (...) para mandar a primeira cacetada, Babe I'm Gonna Leave You (...).” Ocorre que quem conhece a música referida sabe que sua introdução é lenta, devagar, exatamente como na apresentação. A aparição do vocalista, portanto, não foi comedida. Não havia sentido em subir ao palco de modo frenético se o ritmo da música não era tão agitado. O cantor, assim, apenas entrou em cena como qualquer outro músico.

Constatamos o *fait divers* de coincidência através do subtipo repetição quando a jornalista, por três vezes, refere-se a Plant como “veterano”, o que também torna o vocalista um personagem dramático acusando o *fait divers* de causalidade a

¹ Barthes (1997, p.104) concebe o *corpus* no empreendimento semiológico como sendo “uma coleção finita de materiais, determinada, de antemão, pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno do qual ele vai trabalhar”. Segundo Ramos (1999), “[o *corpus*] estabelece o todo, como o somatório das particularidades, pertinentes, selecionadas pelo pesquisador em níveis de espaço e de tempo”.

² Disponível em <<http://musica.terra.com.br/lollapalooza/robert-plant-arrepia-fas-do-zeppelin-e-mostra-vigor-no-lolla.fc68f9005a26c410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>> Acesso em: 28 abr. 2015.

³ Disponível em <<http://g1.globo.com/musica/lollapalooza/2015/noticia/2015/03/robert-plant-acerta-na-performance-e-no-blues-e-escorrega-no-toque-etnico.html>> Acesso em: 28 abr. 2015.

partir da causa esperada. Outrossim, é possível inferirmos o fait divers de causalidade com o subtipo causa perturbada no momento em que a repórter diz que “a cada agudo rouco de Plant, o público respondia com delírio”. Isso porque não é explicado ao leitor – causa desconhecida – porque uma voz rouca deixava os fãs em êxtase. Deste modo, cada receptor poderá ter uma conclusão diversa.

Não obstante, há uma referência errada na legenda das imagens (a qual é idêntica em todas as fotos) que ilustram a matéria. De acordo com o texto explicativo, Plant seria o líder do *Led Zeppelin*, o que expõe de novo o fait divers de causalidade através do subtipo antítese. Porém, uma pessoa que, de fato, conhece a história da banda ou ao menos estudou a respeito para elaborar a resenha, saberia que o mentor do grupo era Jimmy Page.

Assim, de todo o exposto, fica evidente que a jornalista responsável pela elaboração da reportagem ora analisada não se preparou adequadamente para redigir o texto. Ainda que o artista ou o gênero musical não seja do gosto do profissional, é indispensável que este estude sobre os temas que irá discorrer. Além disso, há um deslize da redatora no tocante à ordem das músicas, deixando notória a falta de atenção da repórter, que sequer conferiu as informações.

A pressa não é argumento para justificar tais desacertos. Da forma como o texto foi redigido, a impressão que a jornalista pode passar ao leitor que realmente conhece Robert Plant e o *Led Zeppelin* é a de que foi realizada uma pesquisa “de última hora”. Nestas situações em que não há nenhum “furo” a ser informado, é preferível demorar um pouco mais para divulgar a notícia, mas fazer um relato com informações corretas e quiçá com maior profundidade.

Com relação à matéria do G1, intitulada “Robert Plant acerta na performance e no blues e escorrega no ‘toque étnico’”, o que vemos são repetidos apontamentos voltados quase que exclusivamente para a fase *Led Zeppelin* do cantor – “Robert Plant conseguiu satisfazer o público que veio sedento para ter um verdadeiro *Led Zeppelin* no palco à sua frente. Foram sete clássicos da banda no show deste sábado (...”).

Notamos a presença do fait divers de causalidade com a causa esperada quando a idade do vocalista vem à tona: “[Robert Plant] se movimentou bastante no palco para um frontman de 66 anos. A idade, como é natural, já não permite que Plant alcance seus agudos dos tempos mais famosos. Ele parece aceitar a limitação da idade e não arrisca as notas mais altas (...”).

Para finalizar, temos o habitual desdém para com a carreira solo de Plant junto à costumeira exaltação do seu passado: “Plant pode ser admirável por se arriscar em ritmos diferentes, mas a mágica só acontece de fato quando ele faz o que sabe fazer”. Ao que parece, em ambas as reportagens, o legado zeppeliniano é o que realmente importa.

4. CONCLUSÕES

Como demonstramos, o fait divers é uma categoria onipresente nas produções midiáticas. De consumo instantâneo, ele é rico em promover desvios causais atingindo, assim, a emoção do sujeito receptor. Partindo disso, percebemos a sua utilização nas duas resenhas críticas escolhidas como *corpus* de análise.

Nesse sentido, identificamos todos os tipos e subtipos de fait divers no referido material. Servindo de modelo e inquestionável influência a gerações de vocalistas ao redor do mundo, o “veterano” Plant é, assim, considerado uma lenda

por ambos os repórteres, caracterização esta que denota a antítese ao promover a fusão de percursos distintos.

Embora apareça mais na primeira crítica analisada, a questão da idade do músico ganha vigor na segunda reportagem. Aqui, o *fait divers* de causalidade, através da causa esperada, reina absoluto. A simples constatação de que um senhor de 66 anos movimentou-se muito no palco, mas, concomitantemente, também aceita as restrições do avançado tempo de vida ao não explorar mais os agudos do exitoso passado, pode ser digna de comover os leitores mais desavisados.

Todavia, se adjetivos e ligações de percursos diferentes em torno de um só ator, além da quase obrigatória alusão à idade de Plant possam ser considerados possibilidades inevitáveis, por outro lado, a insistência em falar sobre o passado do vocalista ofusca definitivamente os seus voos como artista solo.

Mesmo reconhecendo a inegável importância do *Led Zeppelin*, o constante atrelamento de uma nota só ao grupo britânico a partir do qual Plant se tornou um ícone impede a execução de novos acordes nas referidas produções midiáticas. Neste sentido, o uso do *fait divers* de coincidência a partir do subtipo repetição faz com que ambas não avancem, ficando presas ao passado do vocalista.

Essa constatação reforça a hipótese de desconhecimento da carreira pós-*Zeppelin* do cantor, que, repetimos, é mais longínqua que o período de existência da própria banda. Tal suposição adquire robustez quando nos deparamos com outro tipo de *fait divers*: a causa perturbada. No momento em que não há a devida contextualização a respeito da conexão entre Plant e o *Led Zeppelin*, algumas informações apresentadas, por vezes, podem parecer sem nexo.

Por menos prejudicial que possa aparentemente parecer, ambas as críticas musicais aqui estudadas demonstram o quanto a superficialidade jornalística se faz presente no cotidiano midiático brasileiro. Além disso, torna-se evidente, mesmo sem adentrarmos por escolha metodológica de análise, fatores como estereotipização e esvaziamento do signo (conceito muito caro aos estudos semiológicos barthesianos).

Exímias ferramentas da superficialidade, essas construções barthesianas se tornam ainda mais nocivas quando somadas a legítimas comprovações de desconhecimento. Prestando um desserviço ao leitor, as produções investigadas promovem uma pane na comunicação⁴. E isso vale tanto para os fãs do *Led Zeppelin* quanto para os fãs da carreira solo de Robert Plant. Ou ambos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **Ensaios críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

CRUZ, F. S. da. Os movimentos sociais e a mídia em tempos de globalização: um estudo das abordagens de jornais brasileiros e espanhóis sobre o MST e os direitos humanos. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 19, n.3, p. 795-820, 2012. Acessado em 04 mai. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12902/8607>

RAMOS, R. **Anotações de sala de aula**. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

⁴ Em alusão à música *Communication Breakdown*, pertencente ao disco *Led Zeppelin I*, lançado em janeiro de 1969.